

# Educação no Brasil diante da crise: Escancarando o fracasso estrutural escolar antes e durante a pandemia da COVID-19

Education in Brazil in the face of crisis: Exposing structural academic failure before and during the COVID-19 pandemic

Helena Perpétua de Aguiar Ferreira<sup>1</sup>, Leonardo José Barreira Danziato<sup>2</sup>, Adriano Menino de Macêdo Júnior<sup>3</sup>

Como citar esse artigo. FERREIRA, H. P. A. DANZIATO, L. J. B. MACEDO JUNIOR A. M. Educação no Brasil diante da crise: Escancarando o fracasso estrutural escolar antes e durante a pandemia da covid-19. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 3, p. 100-117, set./dez. 2023.



**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Resumo

O fracasso escolar é resultado de uma complexa interação de vários elementos, incluindo a formação dos professores e as diferenças sociais, que não podem ser analisadas de forma isolada. Assim, o objetivo da presente narrativa descritiva-bibliográfica e comparativa deste estudo reside em analisar, descrever e comparar o fenômeno do fracasso escolar antes e durante o contexto da pandemia da COVID-19. O método utilizado foi o descritivo-bibliográfico e comparativo. Os corpora utilizados neste artigo dialogaram com a problemática abarcada neste estudo. Para responder à pergunta central, o estudo evocou pensadores influentes no que tange ao tema do fracasso escolar: Lahire (1998), Codo e Vasquez-Menezes (1999), Charlot (2000; 2005), Gilly (2001), Moscovici (2003); Bianchi (2005), Paes e Scichitano (2008), Souza (2010), Vygotski (2012), Sucupira et al. (2014), Patto (2015), Navarro et al. (2016), Prioste (2020), Petersen, Meneghel e Rausch (2023). O presente estudo considerou na análise dos corpora, que relatam o fracasso escolar antes e durante a pandemia da COVID-19, explorando a concepção do que caracteriza a compreensão do fracasso escolar, na qual tais ideias têm sido delineadas desde os anos 70. A verdadeira preocupação reside na crescente e persistente intensificação desse fenômeno no ambiente escolar, manifestando-se ano após ano, conforme indicado pelas avaliações institucionais. Este impacto torna-se evidente nos indicadores avaliativos do INEP (2020) e do SAEB (2021), especialmente em meio à materialização desse cenário em decorrência da pandemia de COVID-19. Assim, antes da pandemia, as pesquisas identificaram várias causas para o fracasso escolar, incluindo problemas disciplinares e psicológicos dos alunos, falta de apoio político, desvalorização profissional dos professores, problemas de aprendizagem e falta de apoio da família, entre outros. Era um cenário complexo, no qual diversos fatores contribuíam para o insucesso dos alunos.

**Palavras-chave:** Fracasso Escolar. Pandemia. COVID-19. Educação.

## Abstract

Academic failure results from a complex interplay of various elements, including teacher training and social differences, which cannot be analyzed in isolation. Therefore, the aim of this descriptive-bibliographic and comparative narrative study is to analyze, describe, and compare the phenomenon of academic failure before and during the context of the COVID-19 pandemic. The method employed was descriptive-bibliographic and comparative. The corpora used in this article engaged with the issues addressed in this study. To answer the central question, the study invoked influential thinkers concerning the theme of academic failure: Lahire (1998), Codo e Vasquez-Menezes (1999), Charlot (2000; 2005), Gilly (2001), Moscovici (2003); Bianchi (2005), Paes e Scichitano (2008), Souza (2010), Vygotski (2012), Sucupira et al. (2014), Patto (2015), Navarro et al. (2016), Prioste (2020), Petersen, Meneghel e Rausch (2023). The present study, in analyzing corpora reporting academic failure before and during the COVID-19 pandemic, explored the conception of what characterizes the understanding of academic failure, with such ideas being delineated since the 1970s. The real concern lies in the increasing and persistent intensification of this phenomenon in the school environment, manifesting year after year, as indicated by institutional assessments. This impact becomes evident in the evaluative indicators of INEP (2020) and SAEB (2021), especially amid the materialization of this scenario due to the COVID-19 pandemic. Thus, before the pandemic, research identified various causes for academic failure, including disciplinary and psychological issues of students, lack of political support, professional devaluation of teachers, learning problems, and lack of family support, among others. It was a complex scenario in which various factors contributed to the students' lack of success.

**Keywords:** School Failure. Pandemic. COVID-19. Education.

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Professora na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN); Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza e bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (UNIFOR/FUNCAP). E-mail: helenaaguaiar@uern.br.

<sup>2</sup>Professor Doutor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) E-mail: leonardodanziato@unifor.br.

<sup>3</sup>Professor de Português pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Pesquisador no Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura e Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/GPELL/GEDUERN). E-mail: adrianomenino2016@gmail.com.

\* Email de correspondência: helenaaguaiar@uern.br

Recebido em: 27/09/2023. Aceito em: 05/12/2023.

## Introdução

O tema do **fracasso escolar** na educação básica é um assunto bem conhecido entre os pesquisadores brasileiros, que têm produzido uma quantidade significativa de textos sobre o tema ao longo dos anos. Entre as décadas de 1970 e 1990, várias abordagens teóricas foram usadas para analisar e compreender o fenômeno que afetava muitas crianças e adolescentes em todo o país, buscando identificar suas causas subjacentes (PETERSEN; MENEGHEL; RAUSCH, 2023). Entretanto, não se pode considerar o **fracasso escolar** como um único objeto de pesquisa, mas sim como uma expressão que engloba diversos fenômenos distintos, como **repetência, evasão, distúrbios de aprendizagem**, entre outros. O fracasso escolar é resultado de uma complexa interação de vários elementos, incluindo a formação dos professores e as diferenças sociais, que não podem ser analisadas de forma isolada. Esses fatores fazem parte de um contexto mais amplo que molda o ambiente de formação, políticas públicas, infraestruturas e aprendizagem dos estudantes (CHARLOT, 2000; PETERSEN; MENEGHEL; RAUSCH, 2023; PATTO, 2015).

Paralelo ao cenário educacional brasileiro, a pandemia da COVID-19 trouxe à tona vulnerabilidades e deficiências estruturais há muito existentes. As medidas de isolamento social e a transição para o ensino remoto impactaram profundamente o processo educacional, deixando em evidência as disparidades que já existiam. Nesse contexto, surge a seguinte problemática: “Como a pandemia da COVID-19 influenciou e acentuou o fenômeno do fracasso escolar, expondo as vulnerabilidades e deficiências estruturais do sistema educacional brasileiro?”

Dentro desse contexto, a pergunta norteadora do presente estudo é: “Quais foram as mudanças e desafios observados no fenômeno do fracasso escolar no Brasil antes e durante a pandemia da COVID-19, considerando as vulnerabilidades e deficiências estruturais da educação?”

Para a população brasileira, este artigo justifica um papel importante na conscientização sobre os desafios enfrentados pelo sistema educacional durante a pandemia, enfatizando as deficiências que precisam ser abordadas. Além disso, as descobertas podem orientar a formulação de políticas públicas para aprimorar o sistema educacional, garantindo uma abordagem mais resiliente e adaptável para crises futuras. Em última análise, essa pesquisa pode contribuir nas intenções e caminhos a trilhar acerca da qualidade da educação no Brasil, estimulando debates sobre reformas e investimentos necessários para enfrentar as fragilidades identificadas. Portanto, este artigo tem como objetivo oferecer uma análise crítica das vulnerabilidades educacionais agravadas pela pandemia da COVID-19 no Brasil, com relevância para a comunidade científica, a escolar e a população.

Assim, o objetivo da presente narrativa descritiva-bibliográfica e comparativa deste estudo reside em analisar, descrever e comparar o fenômeno do fracasso escolar antes e durante o contexto da pandemia da COVID-19. Haja vista que a pandemia do novo Coronavírus escancarou as vulnerabilidades e deficiências estruturais da educação brasileira, destacando as implicações desse processo conforme podemos averiguar nos dados levantados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020), que apresenta a taxa de abandono escolar no ensino fundamental no Brasil de 11,3%, enquanto a taxa de abandono no ensino médio foi de 25,5%. Além disso, dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB, 2021) mostram que apenas 44,1% dos estudantes do ensino fundamental e 37,4% dos estudantes do ensino médio atingiram os níveis adequados de rendimento em leitura e matemática.

## Método

A metodologia adotada neste estudo foi dividida em três etapas distintas. A primeira etapa, detalhada na subseção “2.3 Resultados do 1º ato: fracasso escolar antes da pandemia”, concentrou-se na seleção de todos os conjuntos de *corpora* relacionados à temática do fracasso escolar antes da pandemia. Mais

especificamente, foram identificados estudos de diversos tipos, como pesquisas de campo, entrevistas e observações, que abordaram questões que vão desde desafios familiares e individuais até problemas estruturais no sistema educacional e nas políticas públicas. Nesta etapa, foi utilizada uma abordagem combinada, envolvendo métodos descritivos (estudos que descrevem o fracasso escolar antes da pandemia) e bibliográficos (estudos realizados em sala de aula ou com sujeitos do contexto escolar) (GIL, 2002; MARCONI; LAKATOS, 2003).

O **método descritivo-bibliográfico** se encaixou com o objetivo deste estudo, pois focou na descrição das características do fenômeno do fracasso escolar antes e durante a pandemia da COVID-19. O **método bibliográfico** foi predominante na **2ª etapa**, desenvolvida na subseção “2.4 Resultados do 2º ato: fracasso escolar durante a pandemia: desafios do ‘novo normal’”, no qual ficou evidenciado, por meio da revisão sistemática dos *corpora* publicados, o fracasso escolar durante a pandemia, corroborando assim para um fracasso escolar estrutural em nossa sociedade. Aliado ao **método descritivo-bibliográfico**, foi acrescentado também os tipos de abordagens quantitativas (no que diz respeito ao número de *corpora* selecionados) e qualitativa (tratamento teórico dado a discussão dos resultados). Assim, Severino (2007, p. 188) vai conceituar essas abordagens quali-quantitativas que utilizamos em concomitância, respectivamente.

Diante do supramencionado, estas abordagens quali-quantitativas, permitiram analisar de forma mais ampla, levando em conta os fundamentos epistemológicos que Severino (2007) destaca em sua declaração, ao invés de se restringir a uma metodologia específica. Dessa forma, o presente estudo se alinhou com a ideia de que as abordagens quali-quantitativas podem ser flexíveis e adaptáveis a diversas perspectivas de pesquisa, o que enriquece sua análise do fracasso escolar no contexto da pandemia.

Por fim, 3ª etapa, desenvolvida já nas considerações finais, adotamos o **método comparativo** para identificar as disparidades no fenômeno do **fracasso escolar** entre o período pré-pandêmico e o período de vigência da pandemia de COVID-19. Essas metodologias se mostraram fundamentais para proporcionar aos pesquisadores deste estudo as ferramentas necessárias para responder à pergunta norteadora que conduz nossa pesquisa: “Quais foram as mudanças e desafios observados no fenômeno do fracasso escolar no Brasil antes e durante a pandemia da COVID-19, considerando as vulnerabilidades e deficiências estruturais da educação?”

O **método comparativo**, conforme proposto por Prodanov e Freitas (2013), desempenhará um papel fundamental em nossa pesquisa, pois nos permitirá estabelecer tanto as diferenças quanto as semelhanças no contexto do fracasso escolar no Brasil, antes e durante a pandemia. Este método concentra-se na análise de dados concretos, com o objetivo de identificar elementos constantes, abstratos e gerais por meio da comparação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos. Sua ampla aplicação nas ciências sociais decorre da sua capacidade de possibilitar estudos comparativos em larga escala, mesmo quando envolvem grandes grupos sociais separados no espaço e no tempo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Ao se concentrar na análise de semelhanças e diferenças, o **método comparativo** nos permite verificar as similaridades e explicar as divergências presentes no fenômeno do fracasso escolar. Contrariamente à percepção de que o método comparativo pode ser superficial em relação a outros métodos, é importante ressaltar que, quando executado com rigoroso controle, pode gerar resultados altamente generalizáveis. Portanto, utilizamos esse método para investigar de maneira abrangente e substancial as dinâmicas do fracasso escolar no contexto da pandemia da COVID-19, visando compreender suas nuances e implicações no sistema educacional brasileiro.

## Recorte sincrônico, coleta de *corpus* e critérios de inclusão e exclusão

Nesta subseção, optou-se por se fazer um recorte temporal, umas das abordagens dicotômicas fundamentadas pelo linguista Ferdinand Saussure. Essa abordagem sugere que um estudo pode ser realizado de maneira abrangente, desde o início de sua existência, caracterizando a **diacronia**, ou pode

se concentrar em segmentos temporais específicos, definindo um recorte de **sincronia**. Nesse contexto, o presente estudo optou por coletar *corpus*, ou seja, artigos, publicados nos últimos 10 anos (FARACO, 2006). A sistematização dos *corpora* coletados está ilustrada nos quadros 1 e 2.

Foram estabelecidos **critérios de inclusão** específicos para a seleção do *corpus*. Foram considerados artigos que abordassem estudos de campo, relatos de experiência e estudos de caso, entrevistas focadas no contexto do fracasso escolar no Brasil nas últimas décadas, com publicação datando até cinco anos antes da realização deste estudo. O *corpus* foi compilado diretamente das plataformas **SciELO** e **Google Acadêmico**. Além disso, foram adotados **critérios de exclusão** que envolveram a remoção de estudos conduzidos em escolas de outros países, haja vista que a educação do Brasil e de outras nações divergem, seriam outras variáveis que destoariam do foco do presente estudo; pesquisas de cunho bibliográfico; e trabalhos que não se encaixaram no período de tempo estabelecido pelos critérios de inclusão.

## Resultados parciais

Os resultados preliminares foram elaborados com base nos *corpora* coletados, como evidenciado nos quadros 1 (que compreendem artigos relacionados a estudos de campo sobre o fracasso escolar **antes** da pandemia) e 2 (que abrangem a temática do fracasso escolar no Brasil **durante** a pandemia).

**Quadro 1.** *Corpora* que relatam o fracasso estrutural da escola **antes** da pandemia.

NARRATIVA SISTEMÁTICA E INTEGRATIVA DA LITERATURA <u>ANTES</u> DA PANDEMIA				
Autor(es)	Título	Objetivo	Metodologia	Assertivas da pesquisa: motivo
Prioste (2020)	Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental	[...] “Identificar as hipóteses docentes sobre as dificuldades na aprendizagem escolar e analisar alguns aspectos subjacentes às explicações dadas por eles”	Entrevista; abordagem qualitativa exploratória-explicativa	<b>Fracasso escolar</b> por motivos diversos: falta extensão da escola com a família, problemas disciplinares e psicológicos dos alunos, falta de apoio político, desvalorização profissional e manipulação da mídia.
Sucupira <i>et al.</i> , (2014)	Determinantes sociais da saúde de crianças de 5 a 9 anos da zona urbana de Sobral, Ceará, Brasil	“Estudar as condições de saúde, educação e qualidade de vida, fundamentais para o futuro delas, à luz dos Determinantes Sociais em Saúde”	Entrevista	<b>Fracasso escolar</b> por questões de vulnerabilidade social.

NARRATIVA SISTEMÁTICA E INTEGRATIVA DA LITERATURA <u>ANTES</u> DA PANDEMIA				
Navarro <i>et al.</i> , (2016)	A dificuldade de aprendizagem e o fracasso escolar	[...] “Discutir as frequentes queixas escolares apresentadas aos alunos do curso de Pedagogia, da Universidade Paulista-UNIP”	Pesquisa de Campo; análise de relatórios por intermédio de observações sistêmicas.	<b>Fracasso escolar</b> relacionado às condições educacionais e às expectativas da sociedade em relação à educação.
Alves-Mazzotti e Wilson (2016)	Relação entre representações sociais de “fracasso escolar” de professores do ensino Fundamental e sua prática docente.	“Investigar as representações de fracasso escolar de professores do Ensino Fundamental que trabalham com alunos multirrepetentes, bem como as relações entre estas representações e as práticas docentes”	Estudo de campo, observacional e entrevista	No “ <b>fracasso escolar</b> , destaca-se o “mau aluno” caracterizado por suas faltas: de interesse, de capacidade para aprender, de conhecimentos, de apoio da família, de perspectivas em uma sociedade desigual.”
Cord <i>et al.</i> , (2015)	As significações de profissionais que atuam no Programa Saúde na Escola (PSE) acerca das dificuldades de aprendizagem: patologização e medicalização do fracasso escolar	“O identificar as significações que os profissionais que atuam como articuladores no Programa Saúde na Escola (PSE) têm acerca das dificuldades de aprendizagem geradoras do fracasso escolar.”	Entrevistas semiestruturadas	O <b>fracasso escolar</b> advindo das dificuldades de aprendizagem como decorrentes principalmente da família pobre e/ou desestruturada e de problemas do aluno.

Fonte. Elabora pelos autores.

A análise das pesquisas selecionadas, que tratam das hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental (PRIOSTE, 2020), dos determinantes sociais da saúde de crianças de 5 a 9 anos na zona urbana de Sobral, Ceará (SUCUPIRA *et al.*, 2014), da dificuldade de aprendizagem e do fracasso escolar (NAVARRO *et al.*, 2016), da relação entre representações sociais de fracasso escolar de professores do Ensino Fundamental e sua prática docente (ALVES-MAZZOTT; WILSON, 2016), e das significações de profissionais que atuam no Programa Saúde na Escola (PSE) acerca das dificuldades de aprendizagem (CORD *et al.*, 2015), permite uma narrativa sistêmica e integrativa da literatura antes da pandemia, que contribui para corroborar o objetivo geral do seu artigo e responder à pergunta norteadora.

**Quadro 2.** *Corpora* que relatam o fracasso estrutural da escola **durante** da pandemia.

NARRATIVA SISTEMÁTICA E INTEGRATIVA DA LITERATURA DURANTE A PANDEMIA				
Autor (es)	Título	Objetivo	Metodologia	Assertivas da pesquisa
Blengini e Rodrigues (2021)	“A educação básica sob o ensino remoto na pandemia: aprofundamento das desigualdades educacionais e reconfiguração do “fracasso escolar”?”	“Discutir os dados que indicam um descalabro educacional sob a pandemia de Covid-19 no Brasil”	Método bibliográfico e descritivo	A crise educacional durante a pandemia revelou que o governo não considerou as desigualdades raciais e sociais ao abordar os desafios das escolas públicas. As estatísticas mostram que as propostas para evitar o fracasso escolar não levaram em conta as condições de moradia, o acesso a equipamentos e a qualidade dos espaços em que as crianças estavam. Isso resultou em um desastre educacional, onde as condições reais das crianças não foram adequadamente consideradas para garantir seu acesso e permanência na escola.
Oliveira Silva, Sousa Nogueira e Macedo (2021)	“A avaliação da aprendizagem escolar em tempos de Pandemia”	Analisar a avaliação escolar no ensino fundamental durante o isolamento social impulsionado pela pandemia da Covid-19	Pesquisa qualitativa, investigativa, questionário	Fracasso escolar por dificuldade de adaptação a novas tecnologias de ensino remoto, a falta de recursos, incluindo tecnológicos e financeiros, a formação inadequada de professores, e as desigualdades estruturais, econômicas e culturais. Além disso, a pandemia exacerbou a distância física e cultural entre grupos de alunos, dificultando o acesso igualitário à educação. A pesquisa também apontou a falta de avaliação significativa como um possível contribuinte para o fracasso escolar. Esses desafios destacam a complexidade da situação educacional durante a pandemia e a necessidade de abordagens que promovam a equidade e a qualidade na educação.

NARRATIVA SISTEMÁTICA E INTEGRATIVA DA LITERATURA DURANTE A PANDEMIA				
Miranda e Lima (2021)	Pandemia da covid-19 e a evasão escolar no ensino médio: quais as causas?	“Identificar as causas que levaram à evasão de estudantes matriculados no Ensino Médio da Região Metropolitana de Recife, a partir do contexto da pandemia da Covid-19.”	Descritiva, com abordagem qualitativa, de natureza básica	“Dificuldades relacionadas aos bens tecnológicos. Tais dificuldades estiveram em associação não apenas ao uso das ferramentas por parte dos alunos (falta de ferramentas tecnológicas), mas também as dificuldades de adaptação metodológica por parte dos professores apontadas pelos sujeitos investigados (falta de dinamismo nas aulas, envio excessivo de atividades e falta de comunicação).”
França, Melo e Lima (2022)	Fracasso escolar no Ensino Médio de uma escola do campo: causas e razões identificadas nas vozes de estudantes e professores	“Analisar as concepções de estudantes e de professores do Ensino Médio da Unidade Escolar José Rodrigues da Silva sobre o fracasso escolar.”	Entrevista via questionário com abordagem qualitativa.	“Os resultados, a partir das vozes de estudantes e de professores, apontam que as causas e as razões do abandono e da reprovação escolar estão diretamente ligadas ao fracasso escolar. Este, então, é um fenômeno multifacetado, resultado dos reflexos da sociedade brasileira, marcada pelas desigualdades educacionais que repercutem negativamente no acesso e no sucesso dos alunos, imperando, ainda, a lógica da exclusão social, necessitando, portanto, da edificação de discursos e práticas de inclusão social, sobretudo, em escolas do campo.”

Fonte. Elabora pelos autores.

De acordo com os *corpora* presente na tabela 2, sendo eles: Blengini e Rodrigues (2021); Oliveira Silva, Sousa Nogueira e Macedo (2021); Miranda e Lima (2021); França, Melo e Lima (2022), os estudos analisados destacam que o fracasso escolar durante a pandemia não é um fenômeno isolado, mas sim resultado de complexas interações entre desigualdades sociais, falta de infraestrutura, formação docente insuficiente e desafios relacionados ao ensino remoto. A compreensão desses fatores é crucial para desenvolver abordagens mais equitativas e eficazes na educação, visando mitigar o impacto negativo da pandemia sobre os alunos brasileiros.

## Resultados do 1º ato: Fracasso escolar antes da pandemia

O debate em torno do fracasso escolar no contexto brasileiro, especialmente na educação pública, é de natureza complexa e abrangente. É de suma importância compreender a perspectiva dos professores que enfrentam desafios substanciais em suas salas de aula, muitas vezes sem o devido reconhecimento por parte das autoridades educacionais e da comunidade acadêmica (PRIOSTE, 2020).

Nesse contexto, Prioste (2020) conduziu uma pesquisa nas escolas públicas municipais de Araraquara, enfatizando que a maioria dos professores (88%) identificou as dificuldades de aprendizagem principalmente como resultado da falta de apoio e incentivo das famílias. Adicionalmente, 69% dos docentes destacaram

aspectos relacionados aos alunos, como desinteresse, falta de atenção, pré-requisitos insuficientes e questões emocionais e disciplinares. Além disso, expressaram preocupações relacionadas às políticas públicas, incluindo a redução da idade para a matrícula no Ensino Fundamental sem adequações estruturais adequadas, a utilização de material didático inadequado e a progressão continuada sem o devido suporte para crianças com dificuldades.

Prioste (2020) conclui que, apesar de inicialmente essas explicações parecerem indicar preconceitos em relação a famílias e alunos, uma análise mais profunda revela sintomas contemporâneos da sociedade de consumo. Essas constatações também destacam desafios na relação entre família e escola, além de apontar para a desvalorização da educação. As declarações dos professores também evidenciam a existência de um mercado de apostilas e formações que menospreza o conhecimento dos professores, além de cursos formativos frequentemente denominados de “deformações docentes”, que parecem não abordar adequadamente os problemas enfrentados pelas instituições públicas. As falas dos professores indicam influências midiáticas nas preferências e valores das famílias e dos alunos.

Portanto, Prioste (2020) também aborda o tema do fracasso escolar, destacando que o diagnóstico não deve se restringir à identificação das dificuldades de um único aluno, mas sim compreender e abordar os fatores que contribuem para o fracasso escolar em toda a comunidade estudantil. Isso inclui não apenas o desempenho individual dos alunos, mas também o ambiente escolar, as práticas pedagógicas, o suporte aos professores, as políticas educacionais e outros elementos que podem influenciar o sucesso ou o fracasso dos estudantes.

Outros estudos, como os de Sucupira *et al.* (2014), também exploraram o fracasso escolar sob uma perspectiva diferente. Os autores visitaram domicílios em uma zona urbana de Sobral, no Ceará, no período de 1900 a 1994, com o objetivo de estudar as condições de saúde, educação e qualidade de vida, fundamentais para o futuro das crianças, à luz dos Determinantes Sociais em Saúde.

No âmbito da educação, o estudo de Sucupira *et al.* (2014) revela que, aos sete anos, são poucas as crianças cujas mães referem saber ler corretamente. Apenas 36,9% e 43,6% das crianças, respectivamente aos 9 e 10 anos, são vistas como sabendo ler corretamente. É importante ressaltar que 63,2% das crianças pré-escolares não estão na escola, e aos oito anos, 27,2% ainda estão fora da escola. Além disso, observa-se uma predominância de sexo masculino (64,4%) e cor de pele negra/morena/mulata (84,6%) entre as crianças que estão fora da escola, com diferenças estatisticamente significativas em relação a sexo e raça/cor. A repetência é mais comum entre crianças com mães de baixa escolaridade e em famílias de baixa renda, resultando em uma taxa de fracasso escolar de 25,1%.

Notavelmente, aos oito anos de idade, um quarto das crianças ainda não está matriculado na escola. A influência da escolaridade dos pais é crucial para a inserção no mercado de trabalho e, por conseguinte, nos níveis de renda e qualidade de vida. A baixa escolaridade dos pais exerce um impacto significativo no desempenho escolar das crianças, refletido na baixa frequência à pré-escola e na alta taxa de repetência e evasão escolar, resultando na mencionada taxa de fracasso escolar de 25,1%. Os estudos ressaltam ainda que o fracasso escolar é mais predominante entre a população masculina, negra e de baixa renda. Esses achados enfatizam a necessidade de abordagens específicas para combater o fracasso escolar, especialmente entre grupos vulneráveis (ARROYO, 1992; 2000).

Outra perspectiva é a de Navarro *et al.* (2016) que investigaram o problema do fracasso escolar, com foco nas queixas apresentadas por professores e alunos ao longo das etapas da educação básica no Brasil. O estudo concentrou-se na análise das queixas frequentes observadas em estudantes matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Paulista – UNIP, localizada em Santana de Parnaíba, interior de São Paulo. Esses estudantes estavam envolvidos em um projeto de acompanhamento de alunos das escolas da microrregião, abrangendo vários municípios.

De acordo com Navarro *et al.* (2016), no ambiente escolar, são recorrentes as queixas de alunos que não conseguem acompanhar a sala de aula, não atendendo às expectativas da sociedade. As principais queixas incluem dificuldades de interpretação, acompanhamento das atividades em sala, conclusão de



tarefas e aquisição da habilidade de escrita. Com relação ao comportamento, destaca-se a dificuldade de permanecer sentado na carteira por longos períodos e manter a concentração.

O espaço de atendimento à comunidade, estabelecido em parceria com a universidade, assume um significado crucial para as crianças, pois muitas delas depositam nele a esperança de que suas aflições, fracassos e sofrimentos possam ser resolvidos, recebendo a atenção que antes lhes era negada. Crianças com desempenho escolar abaixo do esperado, por diversos motivos, muitas vezes são rotuladas como tendo “dificuldades de aprendizagem”, uma expressão que revela preconceitos dos educadores, que avaliam as crianças com base em suas expectativas de comportamento considerado padrão (NAVARRO *et al.*, 2016).

A mudança de paradigma na compreensão dessas dificuldades é crucial e requer uma transformação na postura excludente que até agora tem gerado desinteresse das crianças em aprender e desânimo dos professores em ensinar. A análise dessas condições educacionais, que perpetuam e reforçam as dificuldades, é fundamental para responder à pergunta norteadora sobre a natureza das mudanças observadas no fenômeno do fracasso escolar ao longo das etapas da educação básica no Brasil. Isso implica em compreender que as dificuldades não são apenas características dos alunos, mas também reflexos do sistema educacional e das expectativas da sociedade em relação à educação (NAVARRO *et al.*, 2016).

Já Alves-Mazzotti e Wilson (2016), em outra ótica de abordagem do fracasso escolar, realizaram um estudo observacional durante todo o ano letivo de 2002, observando as atividades de três turmas de 6ª série do Ensino Fundamental com alto índice de alunos repetentes e com defasagem idade/série. Seu objetivo foi investigar como os professores do Ensino Fundamental representam o fracasso escolar. Eles conduziram estudos de campo, observações e entrevistas para identificar a visão do “mau aluno”, caracterizado por falta de interesse, capacidade de aprendizado, conhecimento, apoio familiar e perspectivas em uma sociedade desigual. A conclusão do estudo sugere que, para mudar as representações dos professores sobre o fracasso escolar, é fundamental que eles se conscientizem de suas próprias representações e do tratamento diferenciado resultante, bem como das consequências negativas disso para os alunos.

No entanto, essa conscientização não é suficiente. É necessário implementar um amplo programa de transformações no sistema educacional, envolvendo os professores, ouvindo suas demandas por melhores condições de trabalho, valorizando sua experiência e reconhecendo seu papel fundamental na construção de uma nova escola. Essa nova escola deve estar alinhada com as mudanças do mundo contemporâneo e atender às necessidades dos alunos, especialmente daqueles em situação de vulnerabilidade (ALVES-MAZZOTTI; WILSON, 2016).

Outro estudo relevante é o de Cord *et al.* (2015), que aborda o fracasso escolar de maneira multifacetada. Seus resultados apontam para dois eixos centrais de compreensão. O primeiro eixo refere-se à interpretação dos entrevistados sobre as dificuldades de aprendizagem que contribuem para o fracasso escolar. Os entrevistados identificam três explicações: a) as dificuldades de aprendizagem como decorrentes da família pobre e/ou desestruturada; b) as dificuldades de aprendizagem como decorrentes de problemas do aluno; c) a escola e as políticas públicas como co-produtoras das dificuldades de aprendizagem.

A segunda abordagem está relacionada à compreensão do Programa de Saúde Escolar (PSE) como um agente que pode contribuir para o diagnóstico e a medicalização das dificuldades de aprendizagem. Essa abordagem histórica contribui para a homogeneização dos sujeitos e das subjetividades, excluindo aqueles que não se encaixam nas normas estabelecidas pelo conhecimento científico (CORD *et al.*, 2015). Em suma, os estudos que compõem os *corpora* a presente narrativa sistêmica descritiva-bibliográfica destacam a complexidade do fenômeno do fracasso escolar no Brasil, apontando para fatores que vão desde questões familiares e individuais até problemas estruturais no sistema educacional e nas políticas públicas.

De acordo com a pesquisa conduzida por França, Melo e Lima (2022), a necessidade de trabalhar emerge como a principal causa tanto do abandono escolar, mencionada por 52,1% dos estudantes, quanto

da reprovação, citada por 45% deles. Esse achado está em consonância com as características sociais dos entrevistados, entre os quais 22 (31%) são casados, 28 (39,4%) mantêm relacionamentos estáveis e 21 (29,5%) são solteiros. Conseqüentemente, à medida que enfrentam relações que exigem maior autonomia e responsabilidade, o trabalho se torna uma necessidade premente. Como afirmou Patto (2015), os desafios enfrentados pelas camadas sociais menos privilegiadas desempenham um papel decisivo no fracasso escolar e comprometem os esforços em direção à inclusão social e à cidadania.

A pesquisa de França, Melo e Lima (2022) também revela que, quando questionados sobre as causas do fracasso escolar, os estudantes destacam a falta de infraestrutura escolar como um dos principais fatores contribuintes. Nesse sentido, 52,4% dos entrevistados consideram as escolas pouco atrativas, 11,3% apontam a falta de estrutura escolar como a razão primordial e 5,6% mencionam a ausência de transporte escolar. Em resumo, 69,3% dos participantes identificam a carência de condições de infraestrutura como responsável pelo fracasso escolar. Esses resultados indicam a urgência de reformular o sistema educacional público brasileiro e aumentar os investimentos na área da educação pública.

Frente a essas recentes estatísticas, é imprescindível considerar a reflexão de Arroyo (2000), que se faz pertinente:

Há problemas em nossas escolas que nos perseguem como um pesadelo. Não há como ignorá-los, nem fugir deles. Entre os pesadelos constantes está o fracasso escolar. Alguém dirá, mas está quantificado: altas porcentagens de repetentes, reprovados, defasados. O pesadelo é mais do que o que quantificamos. Podem cair as porcentagens, que ele nos persegue. O fracasso escolar passou a ser um fantasma, medo e obsessão pedagógica e social. Um pretexto. Uma peneira que encobre realidades mais sérias. Por ser um pesadelo nunca nos abandonou, atrapalha nossos sonhos e questiona ou derruba nossas melhores propostas reformistas. Quanto se tem escrito sobre o fracasso ou sobre o sucesso e a qualidade, seus contrapontos, e continuamos girando no mesmo lugar. (ARROYO, 2000, p. 33).

A preocupação levantada pelo autor surge da constatação de que os alunos estão imersos em uma sociedade complexa, caracterizada por profundas desigualdades sociais e econômicas. Muitas vezes, eles enfrentam desafios em seus ambientes familiares, como a falta de recursos alimentares, carência afetiva e situações de violência doméstica, entre outros fatores. Além disso, são constantemente expostos a mensagens que promovem o consumismo, o individualismo e a competição, disseminadas pelos meios de comunicação. Todos esses elementos contribuem para o fracasso escolar, uma vez que as escolas não estão adequadamente preparadas para lidar com essa diversidade cultural. Elas carecem de uma infraestrutura pedagógica, currículos e políticas públicas inclusivas que possam assegurar os cuidados necessários para garantir os direitos de aprendizado dos adolescentes e jovens (FRANÇA; MELO; LIMA, 2022).

No que diz respeito ao impacto do fracasso escolar durante a pandemia, o estudo conduzido por França, Melo e Lima (2022) abordou essa questão de maneira crítica. Ao destacarem as desigualdades sociais e suas implicações no contexto da pandemia de COVID-19, os professores da Unidade Escolar José Rodrigues da Silva expressaram, em uma conversa informal, preocupações sobre a falta de acesso à internet e às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) por parte da maioria dos estudantes, identificando isso como um dos principais agravantes do fracasso escolar nos anos de 2020 e 2021.

Os docentes também apontaram o poder público como o principal responsável pela falta de disponibilidade e eficácia das políticas públicas, uma situação que se agravou durante a pandemia. Em resumo, eles manifestaram desmotivação e conscientização de que seu trabalho enfrenta obstáculos significativos devido às diversas dificuldades dos estudantes e às condições precárias de trabalho em que operam. Esse cenário reforça a influência da política e da cultura de exclusão, que contribuem para o fracasso escolar, como destacado por Arroyo (1992, 2000).

## Resultados do 2º ato: Fracasso escolar durante a pandemia: Desafios do “novo normal”

Ao longo da pandemia do novo coronavírus no Brasil foram identificadas três principais abordagens para mitigar o problema do “fracasso escolar” entre a população mais vulnerável: ensino completamente remoto via plataformas digitais, ensino híbrido combinando aulas presenciais e virtuais, e, devido à falta de recursos e à perda de matrículas nas escolas privadas, o retorno imediato ao ensino presencial, mesmo em condições sanitárias inadequadas (BLENGINI; RODRIGUES, 2021). No entanto, nenhuma dessas soluções reconheceu o “fracasso escolar” como um problema persistente enraizado na sociedade brasileira, que exige mudanças substanciais em prol dos interesses do povo (BLENGINI; RODRIGUES, 2021).

Essas propostas também negligenciaram a difícil realidade vivenciada pela maioria da população durante a pandemia, caracterizada por condições precárias de subsistência, onde até mesmo sobreviver à COVID-19, garantir um abrigo e ter comida diariamente representam desafios significativos. É irreal supor que essa população, que depende da escola pública, tenha acesso adequado às tecnologias digitais necessárias para o ensino remoto ou híbrido. Apesar dessas circunstâncias desafiadoras, o poder público, em muitos casos em parceria com o setor privado, tentou implementar esses modelos de ensino de maneira precária. Os dados do estudo de Blengini e Rodrigues (2021), que serão apresentados a seguir, demonstram o insucesso dessas abordagens e a ressurgência de problemas estruturais no sistema educacional brasileiro que pareciam já superados.

O estudo conduzido por Blengini e Rodrigues (2021) destacou que o “fracasso escolar” no Brasil é avaliado por meio de indicadores relacionados ao acesso, permanência/evasão e desempenho acadêmico. Durante a pandemia, observou-se um aumento nos índices de evasão escolar, revertendo uma tendência de queda ao longo do século XXI. Consequentemente, Blengini e Rodrigues (2021) relatam que aproximadamente 5,5 milhões de crianças e adolescentes, com idades entre 6 e 17 anos, não frequentaram a escola em 2020. Os autores também apresentaram a composição étnica desse grupo, com taxas de evasão mais elevadas entre pretos (18,5%), pardos (16,7%), indígenas (34,1%) e outros grupos racialmente marginalizados (BLENGINI; RODRIGUES, 2021).

Essa situação ressalta que a maioria das crianças e adolescentes fora da escola pertence a grupos étnico-raciais historicamente prejudicados pelo racismo estrutural, privados do acesso a direitos sociais fundamentais, incluindo educação, trabalho, moradia e saúde. Portanto, os impactos da pandemia recaem de forma desproporcional sobre essas comunidades. Os dados sobre casos e mortes por COVID-19 também indicam que as pessoas negras estão sendo mais afetadas pela pandemia, independentemente da ocupação ou setor de atuação (BLENGINI; RODRIGUES, 2021). Blengini e Rodrigues (2021) também identificaram discrepâncias significativas entre as diferentes regiões do Brasil. As regiões mais pobres, com indicadores sociais persistentemente baixos, apresentam as taxas mais altas de crianças e adolescentes fora da escola durante a pandemia: Norte (28,4%), Nordeste (18,3%), Sudeste (10,3%), Sul (5,1%) e Centro-Oeste (8,5%) (BLENGINI; RODRIGUES, 2021).

Nas regiões Norte e Nordeste, a evasão escolar não está relacionada apenas à saída formal da escola, mas também à falta de acesso às atividades educacionais, uma vez que o ensino remoto não foi disponibilizado para essas crianças e adolescentes, que não receberam materiais didáticos impressos ou tecnologias digitais (BLENGINI; RODRIGUES, 2021). A justificativa de que a educação é um serviço essencial levou a uma série de parcerias entre o setor público e privado para oferecer o ensino remoto. A pandemia foi vista como uma oportunidade de negócio para grupos empresariais ligados à educação, que há algum tempo almejavam ingressar no mercado da educação básica (BLENGINI; RODRIGUES, 2021).

Quanto às tecnologias de informação e comunicação, é notório o descaso do Estado em garantir o acesso universal a elas. Em 2020, o presidente vetou um projeto de lei que visava destinar recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST) para garantir o acesso à internet de estudantes e professores da educação pública. Isso resultou em uma desigualdade significativa, com mais da metade dos estudantes brasileiros, cerca de 30 milhões, incapazes de acompanhar o ensino virtual em

um momento crucial. A maioria da população acessa recursos digitais por meio de televisores e celulares. Em 2019, apenas 46,30% das famílias tinham computadores em casa, o que é crucial para garantir um ambiente de aprendizado confortável com uma tela adequada e dedicada exclusivamente à educação por várias horas. Portanto, a quantidade de recursos digitais disponíveis não garante que estejam acessíveis para atividades escolares, independentemente do nível de recursos disponíveis (BLENGINI; RODRIGUES, 2021).

Em relação ao ensino híbrido, que requer o uso simultâneo de recursos digitais para aulas presenciais e remotas, as condições precárias das instituições de ensino brasileiras, devido ao baixo investimento orçamentário, impediram sua efetivação completa. Em 2020, muitas escolas não possuíam computadores e acesso à internet destinados ao uso pedagógico, especialmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Isso levanta dúvidas sobre se as escolas tinham recursos digitais em quantidade suficiente para o ensino híbrido, que exige mais de um dispositivo e uma boa conexão de banda larga (BLENGINI; RODRIGUES, 2021).

A falta de acesso a recursos como dispositivos eletrônicos e à internet, devido às condições precárias enfrentadas por muitas famílias que têm estudantes em escolas públicas, pode agravar o problema do fracasso escolar, especialmente durante o período de distanciamento social causado pela pandemia da COVID-19 (OLIVEIRA SILVA; SOUSA NOGUEIRA; MACEDO, 2021). Portanto, é válido afirmar que tanto o sucesso quanto o fracasso escolar estão intrinsecamente ligados aos investimentos em processos educacionais, que abrangem desde o planejamento até os resultados obtidos, ou seja, quanto maior o estímulo à educação, maior será a sua qualidade (LUCKESI, 2011).

O estudo conduzido por Oliveira Silva, Sousa Nogueira e Macedo (2021) envolveu 12 professores do 1º ao 5º ano de uma escola pública na Zona Leste de Porto Velho-RO. O objetivo da pesquisa foi analisar as práticas de avaliação escolar utilizadas para promover a aprendizagem durante o período de isolamento social, bem como compreender a perspectiva dos professores sobre esse processo. Durante a investigação, os pesquisadores identificaram desafios relacionados à adaptação a novas formas de ensino remoto, devido à falta de preparação tanto por parte da escola quanto das famílias para o uso de ferramentas como o *Google Forms*, *Google Meet* e outras semelhantes. Além disso, problemas anteriores se agravaram, incluindo a escassez de recursos para oferecer uma educação de qualidade, bem como a falta de formação adequada dos professores, que deveriam estar mais alinhados com o objetivo de promover uma compreensão crítica da realidade e a busca por soluções.

Oliveira Silva, Sousa Nogueira e Macedo (2021) concluíram que a avaliação da aprendizagem durante a pandemia ampliou ainda mais as disparidades existentes, sejam elas físicas, estruturais, econômicas, políticas ou culturais, entre a população. Isso ocorre enquanto a sociedade, especialmente aquela que depende da escola pública, espera que esta instituição cumpra o compromisso de encurtar as grandes distâncias que existem entre criar oportunidades para aquisição de conhecimento científico e promover mudanças nas vidas das pessoas e na sociedade, seja durante o isolamento social ou não. A pesquisa desempenha um papel importante ao oferecer *insights* sobre a avaliação significativa e, assim, auxiliar educadores, gestores e pais ou responsáveis a compreenderem melhor esse processo.

Outra pesquisa sobre o fracasso escolar durante a pandemia envolveu estudantes matriculados no Ensino Médio na Região Metropolitana de Recife, realizada por Miranda e Lima (2021). Os resultados revelaram diversas dificuldades enfrentadas pelos 22 estudantes durante esse período. As principais questões incluíram problemas na compreensão dos conteúdos (40,9%), falta de concentração (31,8%), ausência de recursos tecnológicos (13,6%), metodologia de ensino (13,6%), falta de preparação para o ensino remoto por parte dos professores (9%), e exaustão (9%). Um dado relevante foi que uma pessoa relatou não ter tido aulas remotas em 2020, enquanto duas afirmaram ter desistido da escola nesse mesmo ano, com a pandemia e o ensino remoto citados como os principais motivos.

No que diz respeito ao perfil dos estudantes matriculados em 2021, 17,4% estavam na 1ª série, 52,2% na 2ª série e 30,4% na 3ª série do Ensino Médio. Em relação à rede de ensino, 56,2% estavam na rede pública, 34,4% na rede pública federal e 9,4% na rede privada. Além disso, houve uma redução

nos percentuais relacionados a dificuldades com as aulas remotas de 2020 para 2021 (MIRANDA; LIMA, 2021).

Acentuada ainda mais em tempos de pandemia, essa disparidade social ressalta o desafio central relacionado à educação, que envolve a necessidade de melhorar a infraestrutura e disponibilizar recursos eficazes para facilitar o ensino remoto. Essa preocupação se justifica pelo fato de que a educação desempenha um papel crucial na transformação social dos indivíduos, orientando-os em direção a uma perspectiva crítica, promovendo a conscientização e preparando-os para participar plenamente na sociedade e exercer a cidadania (MIRANDA; LIMA, 2021). Isso significa que vai além dos confins da sala de aula. A igualdade de oportunidades para todos no processo educacional é fundamental, e a prática educativa consiste na transmissão e assimilação de conhecimentos sistematizados pela humanidade, capacitando os indivíduos a assimilarem e transformarem esses conhecimentos em contexto de prática social (MIRANDA; LIMA, 2021).

## Discussão sobre o fracasso escolar: Uma reflexão estrutural e de múltiplos fatores

No âmbito da Educação no Brasil, os debates voltados para a compreensão das raízes do fracasso escolar têm sido de grande relevância. Em pleno século XXI, ainda enfrentamos problemas persistentes, como a repetição de ano e a evasão escolar, além do encaminhamento frequente de crianças a psicólogos e médicos por parte dos professores, que suspeitam da existência de problemas de aprendizagem. O fracasso escolar, em sua essência, é um fenômeno complexo influenciado por fatores tanto internos quanto externos ao indivíduo, o que contribui para o surgimento de dificuldades ou problemas de aprendizagem. É crucial destacar que muitos desses encaminhamentos decorrem de uma visão limitada da escola, que negligencia o contexto socioeconômico das crianças, elementos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, bem como a relevância do conteúdo a ser assimilado (NAVARRO *et al.*, 2016).

Historicamente, as dificuldades no processo de aprendizagem escolar eram frequentemente atribuídas a possíveis deficiências físicas ou psicológicas das crianças e suas famílias. No entanto, durante a década de 1980, os estudos conduzidos por Patto (2015) sobre o fracasso escolar proporcionaram uma abordagem inovadora na compreensão dos impactos das desigualdades sociais na educação básica do Brasil. Os resultados dessa pesquisa revelaram um sistema educacional paradoxal, que gerava obstáculos aos próprios objetivos estabelecidos, destacando-se o caráter tecnicista das práticas pedagógicas, a ausência de humanização nas interações pessoais e o uso de generalizações excessivamente carregadas de preconceitos. Patto (2015) concluiu que o fracasso escolar era perpetuado por meio de um discurso científico que, apoiado em sua autoridade, naturalizava esse fracasso diante de todos os envolvidos no processo educacional.

Além disso, o fracasso escolar tem sido frequentemente associado a teorias sociológicas, em particular à ideia de falta de capital cultural por parte de famílias de baixa renda, o que, essencialmente, equivale a um preconceito de classe. Charlot (2005) argumenta que as pesquisas de Bourdieu sobre o capital cultural frequentemente são mal interpretadas. Ele ressalta que não é suficiente ser filho de uma determinada classe social para adquirir esse capital cultural; a herança cultural não é transmitida automaticamente, requer esforço e envolvimento intelectual. Transmitir esse capital cultural aos filhos também exige um comprometimento significativo (CHARLOT, 2005).

Charlot (2008) questiona a utilização generalizada e simplista da expressão “fracasso escolar” na mídia, argumentando que o fracasso escolar não é uma entidade em si, mas sim uma experiência vivenciada pelo aluno que pode ser compreendida como uma diferença nas expectativas em relação ao desempenho do estudante. Além disso, destaca que essa experiência pode servir como objeto de pesquisa e análise (CHARLOT, 2008).

Por outro lado, no campo da psicologia, é possível observar explicações genéricas e simplistas

para as dificuldades na aprendizagem escolar. Muitas vezes, os psicólogos tendem a se concentrar em questões familiares, intrapsíquicas e psicodinâmicas, negligenciando os fatores relacionados ao processo educacional da criança (SOUZA, 2000; SOUZA, 2010). Isso pode resultar em uma abordagem excessivamente psicologizante que atribui a responsabilidade pelo fracasso escolar aos alunos e suas famílias.

Uma revisão da literatura sobre o fracasso escolar conduzida por Angelucci *et al.* (2004), que se concentrou nas publicações entre 1991 e 2002, identificou que as explicações continuaram a culpar principalmente as crianças e suas famílias, mantendo uma tendência semelhante àquela destacada por Patto (2015). No entanto, também foi observado um aumento nas pesquisas que apontam os professores como causa do fracasso escolar, enfatizando suas defasagens formativas e preconceitos. Souza (2010) argumenta que várias questões relacionadas às políticas públicas de educação no Brasil contribuem para a produção de professores e alunos que enfrentam o fracasso escolar. Essas questões englobam aspectos como autoritarismo na implementação de políticas educacionais, alta rotatividade de professores ao longo do ano letivo, falta de organização na rotina escolar, baixos salários, ausência de espaços sistemáticos de formação e reflexão pedagógica, desvalorização do conhecimento docente e falta de infraestrutura de apoio. Prioste (2011) destaca que a falta de apoio aos professores pode levá-los a se sentirem isolados e, como resultado, buscarem laudos psicológicos para explicar as dificuldades de seus alunos.

Quando o fracasso escolar é resultado das condições educacionais e das expectativas da sociedade em relação à educação, Navarro *et al.* (2016) destacam a presença significativa da evasão escolar simbólica na sociedade brasileira. Eles definem isso como uma desistência do aprendizado dentro do ambiente escolar, mesmo que não resulte necessariamente em uma saída física da escola. A autora enfatiza que, apesar da democratização do acesso à educação, essa conquista não garantiu necessariamente o domínio do conteúdo científico estipulado para essa fase da escolarização.

Nesse contexto, Paes e Scichitano (2008) também reconhecem que o ambiente escolar, embora projetado para promover a aprendizagem formal da leitura, escrita e cálculo, pode também contribuir para o surgimento de dificuldades e problemas de aprendizagem. Eles argumentam que essas questões devem ser abordadas fora do ambiente escolar. Bianchi (2005) destaca a interseção entre dificuldades de aprendizagem e comportamentais, especialmente quando o autoconceito da criança é afetado pelas pressões escolares. O autor ressalta que o autoconceito desempenha um papel crucial na construção da autoconfiança da criança. Diante disso, Vygotski (2012) enfatiza a importância de compreender completamente o comportamento da criança e apresentar os aspectos positivos de sua personalidade.

Gilly (2001) destaca que a escola, desde suas origens, apresenta uma contradição entre o discurso ideológico igualitário, que via na educação universal uma forma de superar as diferenças de classe, e um funcionamento não igualitário, refletido em desigualdades de desempenho associadas à estratificação social e na existência de sistemas escolares distintos para crianças de diferentes origens sociais. Os professores enfrentam essa contradição ao lidar com crianças em situação de fracasso escolar. Para eles, essa contradição é enfrentada ao adotar uma construção representativa que, ao não considerar o funcionamento não igualitário, permite que não questionem seu próprio papel. Apesar da retórica igualitária em torno da educação, para os professores, sempre existirão alunos considerados fortes e fracos, destinados a trajetórias escolares desiguais e futuros sociais diversos (CHARLOT, 2000; ESTEBAN, 2001; GILLY, 2001).

Com o tempo, esse distanciamento pode levar ao que é conhecido como síndrome de burnout (CODO, 1999), como observado nos estudos de Alves-Mazzotti e Wilson (2016). Essa síndrome pode ser percebida em alguns professores, especialmente em relação aos alunos multirrepetentes. O burnout é uma reação à tensão emocional crônica decorrente do contato direto e excessivo com outras pessoas, especialmente quando essas pessoas estão enfrentando problemas. Essa síndrome inclui três aspectos: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho. Em uma pesquisa realizada por Codo e Vasquez-Menezes (1999) com quase 39.000 trabalhadores em educação, pelo menos 48,4% da amostra apresentava níveis preocupantes em pelo menos um desses três aspectos da síndrome. Quanto aos sentimentos dos professores diante dessa crise, Codo e Vasquez-Menezes (1999) afirmam

que o burnout representa uma desistência de quem ainda está presente. É uma retirada psicológica, uma forma de abandonar o trabalho, apesar de continuar no cargo.

Lahire (1998) sustenta a hipótese de que a representação do fracasso escolar pelos professores pode estar relacionada à metáfora de uma “doença contagiosa”. Para estigmatizar o iletramento ou semi-iletramento e gerar indignação em relação ao problema, diversos profissionais utilizam metáforas, como “flagelo”, “calamidade”, “incapacidade” e “vírus”. Lahire afirma que essas metáforas são cruciais nos argumentos e nas formas de pensar e comunicar sobre o iletramento, com uma notável recorrência de certos argumentos e metáforas. Parece que falar sobre “iletrados” ou “iletramento” deixa pouco espaço para os comunicadores, pois as regras e elementos parecem limitados, com a diferenciação ocorrendo na combinação de elementos ou nas qualidades estilísticas e retóricas usadas para abordar esse tema comum (LAHIRE, 1998).

Moscovici (2003) reforça a ideia de que organizamos nosso pensamento de acordo com um sistema condicionado por nossas representações e cultura. Ficamos limitados ao que as convenções subjacentes nos permitem perceber e permanecemos inconscientes dessas convenções. No entanto, ele sugere que, por meio de esforços conscientes, podemos nos tornar cientes da natureza convencional da realidade e escapar de algumas das restrições que ela impõe às nossas percepções e pensamentos. Estudos sobre interações entre professores e alunos indicam que os docentes frequentemente não estão cientes do tratamento diferenciado que oferecem aos alunos em quem têm expectativas baixas. No entanto, essa conscientização pode levar a uma mudança de comportamento quando os professores são alertados sobre essa disparidade (ALVES-MAZZOTTI, 1983).

O referencial teórico apresentado lança luz sobre as complexas questões que cercam o fracasso escolar no Brasil e fornece uma base sólida para a compreensão das raízes desse fenômeno. Notavelmente, aborda as diversas perspectivas que moldam a discussão sobre o fracasso escolar, indo além das explicações simplistas e destacando a influência de fatores internos e externos ao indivíduo. Além disso, ressalta a importância do contexto socioeconômico das crianças e a relevância do conteúdo a ser ensinado.

Ao considerar o objeto e o problema do presente artigo, que relacionados ao estudo das causas e implicações do fracasso escolar no Brasil antes da pandemia, esse referencial teórico oferece como base para a análise dessas questões. As discussões sobre o papel dos professores, das políticas educacionais, das representações sociais e das metáforas associadas ao fracasso escolar são cruciais para a compreensão do fenômeno em questão. Além disso, a referência à síndrome de *burnout* entre os professores e a ideia de que o fracasso escolar pode ser visto como uma “doença contagiosa” lançam luz sobre as implicações emocionais e sociais desse fenômeno, o que pode ser de grande relevância para a sua pesquisa.

## Considerações finais

É fundamental destacar que, embora este artigo faça referência a textos de Maria Helena Patto produzidos nas décadas de 1980 e 1990, as ideias por ela apresentadas sobre a produção do fracasso escolar como um fenômeno social e historicamente construído no sistema educacional brasileiro, influenciado pelo modo de produção capitalista, mantêm sua relevância nos dias atuais. O prefácio à quarta edição do livro “A produção do fracasso escolar”, lançada em 2015 (ou seja, 25 anos após a primeira edição), escrito por Lineu Kohatsu, ressalta a atualidade das contribuições de Patto (KOHATSU, 2015).

Kohatsu destaca que, embora tenham ocorrido mudanças nas escolas públicas, nas políticas educacionais e no sistema de ensino ao longo das décadas passadas, o fracasso do sistema escolar, a desigualdade nas taxas de escolarização entre classes sociais, a discriminação social, a persistência do pensamento meritocrático na educação brasileira, a precarização do sistema educacional e a manutenção de teorias tradicionais sobre o fracasso escolar ainda persistem.

É relevante salientar que essa situação se intensificou a partir de 2020, com os impactos da pandemia

da COVID-19 no cenário educacional brasileiro. Nesse contexto desafiador, tornou-se evidente a dualidade no ensino e a grave precariedade da escola, que está intrinsecamente ligada à precariedade do Estado. Essa realidade se manifesta no descaso em relação ao investimento em um ensino público de qualidade, na falta de garantia de direitos fundamentais e, conseqüentemente, na perpetuação das desigualdades históricas que estão enraizadas na lógica da educação escolar (CHECCHIA; JESUS; GRAVA; MIQUELON, 2022).

De acordo com Blengini e Rodrigues (2021), em consonância com Checchia *et al.* (2022), a combinação de crises econômicas, sociais e educacionais, intensificadas durante a pandemia de COVID-19, tornou evidente, mesmo para os observadores menos atentos, o elevado preço de manter as relações sociais que perpetuam o racismo, a fome, a pobreza e, sobretudo, uma desigualdade profunda no acesso à educação. Para tanto, com base no referencial teórico presente ao longo deste artigo, responderemos nossa pergunta central: “Quais foram as mudanças e desafios observados no fenômeno do fracasso escolar no Brasil antes e durante a pandemia da COVID-19, considerando as vulnerabilidades e deficiências estruturais da educação?”

Considerando a análise dos *corpora* que relatam o fracasso escolar antes e durante a pandemia da COVID-19, é evidente que houve uma mudança significativa no fenômeno do fracasso escolar durante esse período. Assim, antes da pandemia, as pesquisas identificaram várias causas para o fracasso escolar, incluindo problemas disciplinares e psicológicos dos alunos, falta de apoio político, desvalorização profissional dos professores, problemas de aprendizagem e falta de apoio da família, entre outros. Era um cenário complexo, no qual diversos fatores contribuíam para o insucesso dos alunos.

No entanto, durante a pandemia, os desafios relacionados ao fracasso escolar se intensificaram. As pesquisas revelaram que a transição para o ensino remoto exacerbou as desigualdades educacionais. Dificuldades de adaptação a novas tecnologias de ensino remoto, falta de recursos tecnológicos e financeiros, formação inadequada de professores e desigualdades estruturais, econômicas e culturais foram destacadas como fatores que contribuíam para o fracasso escolar durante a pandemia. Além disso, a distância física e cultural entre grupos de alunos dificultou o acesso igualitário à educação.

A análise comparativa dos *corpora* revela que as políticas educacionais e as estratégias de mitigação do fracasso escolar durante a pandemia não consideraram adequadamente as disparidades socioeconômicas e culturais dos alunos. Isso resultou em um aumento das desigualdades educacionais e em um verdadeiro desastre educacional, no qual as condições reais das crianças não foram adequadamente consideradas para garantir seu acesso e permanência na escola.

Portanto, é fundamental que as políticas educacionais futuras levem em consideração essas mudanças e desafios, promovendo a equidade e a qualidade na educação. A pandemia expôs as fragilidades do sistema educacional e destacou a necessidade urgente de abordagens que garantam que todos os alunos, independentemente de suas circunstâncias, tenham acesso igualitário à aprendizagem. Somente assim poderemos enfrentar as complexas questões relacionadas ao fracasso escolar e oferecer uma educação de qualidade para todos.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Classroom interactions of the teacher with mainstreamed handicapped children and their non-handicapped peers**. 1983. 85f. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional), New York University, 1983.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; WILSON, Tânia Cristina. Relação entre representações sociais de “fracasso escolar” de professores do ensino fundamental e sua prática docente. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 1, n. 1, 2016.

ANGELUCCI, Carla Biancha *et al.* O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2004.



- ARROYO, Miguel G. Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em aberto**, Brasília, ano 17, n. 71, 2000.
- ARROYO, Miguel G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da Educação Básica. **Em aberto**, Brasília, ano 11, n. 53, 1992.
- BIANCHI, Simone Hurtado. **Eventos de vida, autoeficácia e autoconceito de crianças com bom desempenho escolar e dificuldades comportamentais**. Tese de Doutorado., Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2005.
- BLENGINI, Ana Paula; DE CÁSSIA RODRIGUES, Fabiana. A educação básica sob o ensino remoto na pandemia: aprofundamento das desigualdades educacionais e reconfiguração do “fracasso escolar”? **Org & Demo**, v. 22, n. 2, 2021.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. São Paulo: Artmed, 2008.
- CHARLOT, Bernard. **O sociólogo, o psicanalista e o professor**. In: MRECH, Leny. Magalhães (Org.). O impacto da psicanálise na educação. São Paulo: Avercamp, 2005.
- CHECCHIA, Ana Karina Amorim; JESUS, Fabio Ferreira; GRAVA, João Paulo; MIQUELON, Lucas Cardoso. Fracasso escolar e indisciplina em tempos de pandemia: margens possíveis de uma arquitetura esgarçada. In: INSFRAN, F. F. N.; NEGREIROS, F.; GOMES, J. de S. (Orgs). **Fratras expostas pela pandemia**: conjugando juntas o verbo esperar: ano 2. Teresina, PI: EDUFPI, 2022.
- CODO, Wanderley. (Org.) **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes; Brasília: CNTE/UnB, 1999.
- CODO, Wanderley; VASQUEZ-MENEZES, Iône. O que é Burnout. In: CODO, Wanderley. (Org.) **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes; Brasília: CNTE/UnB, 1999.
- CORD, Denise et al. As significações de profissionais que atuam no Programa Saúde na Escola (PSE) acerca das dificuldades de aprendizagem: patologização e medicalização do fracasso escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, p. 40-53, 2015.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?**: reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- FRANÇA, Jilton Vitorino; MELO, Raimunda Alves; LIMA, Francisco Renato. Fracasso escolar no Ensino Médio de uma escola do campo: causas e razões identificadas nas vozes de estudantes e professores. **Revista ELO–Diálogos em Extensão**, v. 11, 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf). Acesso em: 20 jun. 2023.
- KOHATSU, Lineu. Prefácio à quarta edição. In: PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 4ª ed. São Paulo: Intermeios, 2015 {Prefácio à quarta edição revisada e ampliada}.
- LAHIRE, Bernard. Bulletin des Bibliothèques de France. **Paris**, tomo 43, n. 5, 1998.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.
- MIRANDA, Maria Eduarda Ferreira; LIMA, Izauriana Borges. PANDEMIA DA COVID-19 E A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: QUAIS AS CAUSAS?. **Conedu – VIII Congresso Nacional de Educação**, 2021.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAVARRO, Lisienne *et al.* A dificuldade de aprendizagem e o fracasso escolar. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, 2016.

OLIVEIRA SILVA, Luma; DE SOUSA NOGUEIRA, Márcia Simone Uchoa; MACEDO, Marasella del Cármen Silva Rodrigues. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista Praxis Pedagógica**, v. 7, n. 8, p. 1-23, 2021.

PAES, Michele Fabiane A. S. Garcia. e SCICHITANO, Rosa Maria Junqueira. 20 anos depois: uma pesquisa sobre problemas de aprendizagem na atualidade. **Revista Psicopedagogia**, v. 25, n. 77, 2008.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4 edição, revista e aumentada/ Maria Helena Souza Patto. São Paulo: Intermerios, 2015.

PETERSEN, Andrielle Silva; MENEGHEL, Stela Maria; RAUSCH, Rita Buzzi. PANDEMIA E FRACASSO ESCOLAR. **Imagens da Educação**, v. 13, n. 1, 2023.

PRIOSTE, Claudia Dias. Educação inclusiva: de que se queixam os professores de escola pública. In: GOMES, Mônica G. T.; SOUZA, Maria Cecília C. C. **Educação pública nas metrópoles brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2011.

PRIOSTE, Cláudia. Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. – 2ª edição – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/adria/OneDrive/ACADEMICO/UERN%20LETRAS/MONITORIA%20METODOLOGIA%20CIENTIFICA%202021.2/LIVROS%20METODOLOGIA/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acessado em: 24 abr. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 23ª edição revista e atualizada, 5ª reimpressão – São Paulo: Cortez, 2007.

Sistema de Avaliação da Educação Básica. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/saeb/resultados/apresentacao\\_saeb\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/saeb/resultados/apresentacao_saeb_2021.pdf). Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUZA, Beatriz de Paula. Funcionamentos escolares e produção de fracasso escolar e sofrimento. In: SOUZA, Beatriz de Paula (Org.) **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. A queixa escolar na formação de psicólogos: desafios e perspectivas. In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SUCUPIRA, Ana Cecília Silveira Lins *et al.* Determinantes sociais da saúde de crianças de 5 a 9 anos da zona urbana de Sobral, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, 2014.

VYGOTSKI, L. Obras Escogidas—III: Problemas del Desarrollo de la Psique. Tomo III. 2012.